

Editorial

Os Cadernos do GIPE-CIT, neste número 36, tem como foco “Processos Criativos: Educação Somática e Afetos” e, assim, apresenta treze artigos de diferentes pesquisadore/as (12 do Brasil e uma do exterior, Portugal) que atuam com dança, performance, Pilates, propostas da “Escola Vianna”, Teatro e outros. Os textos, selecionados pela íntima relação com a temática, exemplificam a sua complexidade ao abordarem questões teóricas e/ou práticas abarcando diferentes olhares, saberes e experiências.

No primeiro artigo, **Sílvia Pinto Coelho** discute estúdios de dança, e as relações e encontros neles praticados como “máquinas” de pensamento coreográfico. Nesse sentido, ela propõe que a ética de trabalho que permeia alguns processos de investigação coreográfica são uma “ginástica” do pensamento crítico e um reconhecimento do político – exercício que é praticado dentro dos estúdios e levado para fora dele. Esse jogo de “espelhos” fundamenta sua exploração de possibilidades coreográficas desenvolvidas pelos coreógrafos João Fiadeiro, Lisa Nelson, Mark Tompkins e Olga Mesa. Para a autora, essas propostas se apresentam como paradigmas ético-estéticos de produção daquilo que ainda não se conhece.

No segundo artigo, **Débora Pereira Bolsanello** apresenta de forma panorâmica e introdutória, procedimentos metodológicos desenvolvidos no projeto de extensão “Oito de Dentro: Educação somática e Dança” sob sua coordenação. O objetivo não é treinar o participante por meio da repetição de sequências de dança nem pela memorização de passos. Fundamentado na teoria de Coordenação Motora (Marie Madeleine Béziers e Suzanne Piret), e nos exercícios do Centre d’Étude et Recherche

em Autorééducation Neuromusculaire (CERA), o projeto propõe experimentações nominadas como “Vocábulos Somáticos” que estimulam o “Mover Poético” fora do contexto cênico. Explora-se então possibilidades do jogo, da poética da carne e da imprevisibilidade dos afetos, mas sem perder de vista o rigor da reeducação do movimento.

No terceiro artigo, **Siane Paula de Araújo** apresenta fundamentos de uma proposta metodológica que desenvolve na sua tese de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais. Nesta proposta, ela estuda interfaces entre técnicas somáticas (incluindo o Body Mind Centering/BMC da norte-americana Bonie Bainbridge Cohen), estudos de anatomia humana e de processos criativos em dança. A autora adota como “condição sine qua non” em suas pesquisas o processo de embodiment, no qual, segundo ela, “a experiência do corpo produz linguagem, ou seja, a forma como expressamos, nossa visão de mundo se dá por um processo não desarticulado do corpo, pelo contrário, nossos conceitos são/estão ‘corporalizados’”. Siane propõe a ‘incorporação’ do sistema esquelético como ponto de partida para o processo criativo em dança.

No quarto artigo, **Nicole Blach Duarte e Raquel Pires Cavalcanti** identificam, brevemente, aspectos históricos iniciais das práticas de educação somática, e sua adoção por artistas da dança. Em seguida, as autoras identificam possibilidades e desafios da integração dos estudos somáticos na formação do professor de dança. Partindo para um relato experiencial, elas relatam e refletem sobre experiências da disciplina Prática VIII do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Minas Gerais. Segundo as autoras, nesta disciplina são desenvolvidos princípios somáticos que embasam a construção de trabalhos autorais de composição coreográfica pelos alunos. Exemplificando com o trabalho solístico de dois alunos, as autoras sugerem que a somática pode contribuir para uma formação em dança significativa.

No quinto artigo, **Tatiana Nunes da Rosa** reflete sobre as múltiplas e diversas construções do termo somático, estudo somático ou somática em suas relações com a dança no nosso país. Segundo a autora, a dança brasileira há pelo menos quinze anos, tenta aglutinar algumas práticas e propostas sob o termo “educação somática”. Para alguns bailarinos, como a própria autora, o aprendizado de propostas somáticas se dá de maneira difusa, como meio para se aprender uma poética ou a ‘marca’ de um/a coreógrafo/a. Afinal, como ela nos lembra, o “despojamento dos hábitos corporais, [é] um dos grandes objetivos da maior parte das técnicas somáticas.” Ao contrário de encarcerarmos o termo em uma definição, Tatiana entende que estamos em um momento de estranhá-lo para que possamos melhor aproximá-lo à realidade da dança no Brasil.

No sexto artigo, **Kamilla Mesquita Oliveira** e **Marília Vieira Soares** discutem relações entre dança, corpo, processos criativos e mitos. Essa discussão é embasada pelo conceito de “Corpo Duradouro” desenvolvido pelo mitólogo Joseph Campbell. Para as pesquisadoras, o corpo é criador e receptáculo das imagens míticas da humanidade. Essa discussão é exemplificada com um relato de caso, na qual trabalharam junto a um grupo de bailarinos voluntários, pesquisando as relações criativas entre corpo; imagens iconográficas e imagens míticas, tendo o corpo como ponto de encontro de múltiplos afetos; fonte da criação dos mitos, e, concomitantemente, a ponte de reencontro com essas imagens e histórias em um contexto de criação em dança.

No sétimo artigo, **Daiane Fonseca Leal** estabelece relações entre soma e vida, a partir de seus estudos dos princípios da Educação Somática e do Pensamento Sistêmico. Ela entende que ambos são termos que se aproximam semanticamente, pois a ausência de vida implica na falta do soma. Outros importantes aspectos discutidos são: somente o organismo com vida é capaz de se autorregular, se alterar e se adaptar; a mutabilidade somática é uma evidência de que o soma é percebido como processo; a

ecologia somática regida pelo princípio da colaboração ao invés da dominação é essencial. Para a autora, a “Educação Somática prepara o corpo, via enfoque estrutural, e o Pensamento Sistêmico pela conjectura contextual simbólica enfatizada na comunicação.”

No oitavo artigo, **Jussara Miller** e **Cora Miller Laszlo** suscitam reflexões sobre o corpo segundo a Escola Vianna (Klauss, Angel, Reiner e Neide Neves). As autoras exploram as contribuições pedagógicas dos Vianna que possibilitaram aprofundar o pensar e o fazer artístico (processos criativos em dança) a partir da orientação somática. Elas discutem como é problemática a separação entre técnica e criação, pois essas não podem/devem ser abordadas como instâncias separadas na investigação corporal. É dado o alerta para como deve se entender a técnica nesse texto: como um meio e não um fim, ou seja, “um conjunto de vários procedimentos de investigação.” Assim, nessa proposta, educação somática e processos artísticos e criativos caminham lado a lado.

No nono artigo, **Clara F. Trigo** enfatiza a importância de se privilegiar a investigação de experiências pedagógicas criativas ao invés de se reproduzir “acriticamente uma tradição ou método.” A experiência é tratada como maneira de se construir conhecimento, “especialmente quando estamos falando de práticas de movimento, nas quais o aprendizado se dará, necessariamente, pela experiência, pelo fazer insubstituível e intransferível”, segundo a autora. Valendo-se do brincar, Clara ampara sua reflexão em Winnicott e em Paulo Freire, e aciona o equipamento Flymoon® para estabelecer conexões entre arte, saúde e educação. Há valorização da “Instabilidade Poética” que não se ampara no certo e errado quando se trata do corpo em movimento.

No décimo artigo, **Felipe Henrique Monteiro Oliveira** parte da sua experiência corpórea para questionar: Como expor meu corpo diferenciado em cena? Assim, ao assumir que arte e vida são inseparáveis, ele busca, com suas pesquisas, propostas

e práticas artísticas, desequilibrar aparências, minimizar preconceitos e estimular o espectador a exercitar a recepção cognitivo-sensória mais do que a racional. Para isso, renegando críticas ao texto dramático, ele produz e expõe em suas performances imagens físicas violentas, baseadas na ideia de ações extremas de Artaud, a fim de que “provoquem os sentidos e a alma do espectador [...] um desejo de mudança.” Mais do que constatações, esse texto incita o leitor a “Perceber, questionar, subverter e transgredir o mundo [...].”

No décimo primeiro artigo, **Andrea Maciel** exercita uma escrita fenomenológica de sua performance em Nova York. Também faz uso da fenomenologia de Merleau-Ponty para discutir relações possíveis e impossíveis entre corpo e cidade. Ela faz uma carto-coreografia com o espaço urbano, tecendo tramas do corpo, da cidade, da dança, no dançar com a cidade ao invés de “simplesmente dançar na cidade.” Andrea identifica aspectos fundamentais nesses cruzamentos tais como dançar/viver/vivenciar com maleabilidade nesses espaços fronteiros, em que ocorrem territorializações e desterritorializações. Fluir, transitar, multiconectar, “parceirizar”. Dança em parceria e da parceria que se faz espaço, no espaço, com espaço.

No décimo segundo artigo, **Carlos Eduardo Silva** discorre sobre como o fracasso é/pode ser vivenciado nos processos criativos. Fracasso pode ser ímpeto ou impulso criativo, não necessariamente falha. Ele discute que em artes, a imprevisibilidade e o lidar com o acaso são parte inerentes ao processo. Valendo-se de vários olhares de autores de diferentes áreas (e.g., Pareyson, Dubatti, Salles, Cohen, Grotowski), o autor entende que erros fazem parte dos processos experimentais de criação. Nas palavras de Carlos Eduardo, se encaramos o processo como uma “reconfiguração constante”, o fracasso então nos liberta ao invés de nos deixar constrangidos. Aberturas frente ao inesperado, ao caos, o que requer resiliência, e flexibilidade – elementos intrínsecos à arte?

No décimo terceiro artigo, **Eduardo Augusto Rosa Santana** expõe, propõe, contrapõe se impõe, dispõe de/com uma escrita coreoescrita somático-performativa que nos contamina. Partindo do flutuar, ele voa e se enraíza em diferentes paragens, ideias, conexões, para nos lembrar que “flutuar pode até se mover muito (como na liquidez pós-moderna), mas também pode ficar ali, bem parado, suspenso no AR (e não ser raiz), como os instantes de voo de um beija-flor ou o momento de um disco-voador a abduzir um de nós.” Este texto deixa “mais ou menos” evidente (como queira) que processos criativos, educação somática, afetos, {...} flutuam por entre diferentes territórios, corpos, sítios, espaços, tempos e abrem perspectivas de diálogos flexíveis, imprevisíveis, poéticos, diferenciados, inacabados

Agradecemos aos autores e todos demais envolvidos na publicação desse número, em particular, aos pesquisadores **Ana Pais** e **Gerson Praxedes** pela contribuição na avaliação de textos recebidos para este número. Todos, com dedicação e responsabilidade, enriqueceram os Cadernos.

Aos leitores, esperamos que vislumbrem a contribuições destes textos que, a partir desta publicação, tornam-se referências na temática abordada.

Alba Pedreira Vieira e Daniel Becker Denovaro

Editores do Caderno GIPE-CIT número 36